

Epistemologia do armário na universidade refletida na formação de uma estudante que se admite bissexual

José Amaro da Costa¹
Súsie Helena Ribeiro²

Resumo: Este artigo trata de um estudo de caso da vivência de uma estudante que se identifica como bissexual numa universidade pública do Recife, e de como sua experiência familiar, religiosa e socioeducativa foi atravessada por esse marcador. Na análise da narrativa, em forma de testemunho, utiliza-se a categoria da “epistemologia do armário”, para discutir como a pessoa que se identifica como bissexual compartilha com outros corpos desviantes, negados ou abjetos a demanda de se narrar e ser narrada historicamente e assim ser visibilizada e desnaturalizada. Conclui-se que os múltiplos armários são feitos de violência e geram violência para os corpos não normativos ao tempo em que são ferramentas e dispositivos de enfrentamento da violência cis-heteronormativa e patriarcal vigente. Alternativas como as pedagogias queer, capazes de dialogarem com uma sociedade múltipla e diversa, assim como religiosidades inclusivas e teologias queers são caminhos possíveis para que se acolham os corpos dissidentes.

Palavras-chave: Bissexualidade. Epistemologia do armário. Formação universitária. Teorias queer.

¹ Doutor em Educação na Universidad Nacional de Rosário (UNR -Argentina); Integrante do grupo de Pesquisa NuQueer (Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais) da UFRPE; Participante do grupo de pesquisa Processos de Subjetivação, Educação, Gênero e Sexualidade (SEGS) do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEduC-UFPE Campus Acadêmico do Agreste). E-mail: jaja.joseamaro@gmail.com. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0122263178880329>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8494-2297>.

² Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Mestre em linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Especialista em Teologia Latino-Americana pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (Fatebh). E-mail: susieribeiro@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8546519085094864>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6826-2192>.

“[...] E eu gosto de meninos e meninas
Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre
Vai ficando complicado e ao mesmo tempo diferente”.

Renato Russo

Este artigo é amplamente baseado na pesquisa doutoral de Costa (2024a), que analítica e amorosamente se debruçou sobre os testemunhos de pessoas que experimentaram preconceitos, sofrimentos e exclusões no percurso da formação universitária por se identificarem e expressarem em corpos gênero-sexo-divergentes da cis-heteronormatividade. O objetivo central da investigação foi o de identificar os impactos e sequelas dessas violências desde uma perspectiva pedagógica e engendar alternativas para uma pedagogia queer (Costa, 2024a, p. 21).

Como o relatório final está espanhol e não está disponível em bancos eletrônicos de acesso público, optou-se por partilhar a riqueza dos testemunhos e da investigação por meio de artigos científicos, expandindo as análises iniciais com outros referenciais e ampliando o olhar. Ainda em 2024, parte da análise das injustiças socioeducativas e as discussões de José Amaro Costa a respeito da viabilização de uma pedagogia queer foi publicizada em artigo de estudo de caso do testemunho do corpo insubmisso da estudante universitária trans Maria Célia (Costa, 2024b).

Nesta reflexão, o pesquisador desenvolve sua reflexão em interlocução interdisciplinar com pesquisadora da questão religiosa e da linguagem, para focar no testemunho da violência sofrida por uma pessoa que se identifica como bissexual e em suas estratégias de resistência nos espaços familiar, religioso e acadêmico durante os anos de formação de educação no nível superior.

Para essa análise, os autores articulam a categoria que Sedgwick (2007) apresenta como “epistemologia do armário”. Propõe-se, assim, acompanhar o percurso de uma jovem estudante que experimentou entradas e saídas do “armário” queer-cuir-kuir em seu percurso acadêmico na graduação em Ciências Biológicas em uma universidade pública de um grande centro urbano na região Nordeste (Costa, 2024a, p. 121). Procura-se demonstrar que, apesar dos inúmeros e valiosos esforços de visibilidade queer-cuir-kuir e de afirmação política, legal e social das minorias

LGBTQIAPN+ das últimas décadas no Brasil, ainda se naturaliza, escamoteia e deslegitima a expressão de gênero-sexo-divergente e, em especial, o “B” da bissexualidade, em função de uma lógica de binariedade hétero e homonormativa (Cavalcanti, 2010, p.81).

Coteja-se o referencial da epistemologia do armário de Sedgwick com alguns aportes da Teoria Queer-Cuir-Kuir, estudos específicos sobre as epistemologias da bissexualidade, discussões sobre a religiosidade e a espiritualidade dos corpos divergentes, a categoria do lugar de fala na perspectiva de Djamila Ribeiro (2019), e, especialmente, a possibilidade de uma pedagogia queer-cuir-kuir que acolha a formação acadêmica dos corpos não normativos.

Os testemunhos foram coletados por Costa (2024a, p. 109) entre pessoas que, espontaneamente, apresentaram-se em resposta aos convites divulgados por meio de cartazes, e-mails e mensagens em redes sociais para participar da pesquisa. Os critérios de seleção foram ter mais de 18 anos na data da entrevista, identificar-se dentro do coletivo LGBTQIAPN+ e estar cursando graduação em uma das instituições universitárias da Região Metropolitana de Recife/PE públicas ou privadas indicadas. A coleta dos testemunhos se deu por meio de entrevistas semidirigidas, que foram realizadas entre fevereiro de 2020 e maio de 2021, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi aprovada pela Comitê de Ética de Investigação (CEP) sob o número CAAE: 20566219.7.0000.5619.

Dessa forma, os relatos da estudante bissexual foram coletados no formato de testemunho. O instrumento foi eleito metodologicamente por Costa (2024a, p. 106-107), na perspectiva de que “o narrador sempre envolve certa urgência ou necessidade de comunicação que surge da experiência vivencial de repressão, pobreza, marginalização, crime, luta” (Beverley, 1987, p. 9). O valor dessa metodologia é reforçado por Spivak (2010, p. 88-89), pois a pessoa não é apenas uma referência ou um objeto do qual se arvore no direito de falar em nome dele ou dela. O relato testemunhal é espaço em que a pessoa invisibilizada e desautorizada pode se expressar e existir. Não se trata apenas de uma menção a um fenômeno ou a um rol de eventos no tempo, mas a possibilidade de um espaço para a pessoa tecer seu discurso crítico e promover seu exercício de

resistência frente às relações de poder, uma intervenção que é estratégia de enfrentamento das técnicas polimorfas do poder e do discurso disciplinar diuturnamente empenhado na construção produção de corpos dóceis, constituídos por “indivíduos frágeis perante os desígnios do poder” (Foucault, 1987, p. 118).

Assim, além de discutir as violências que os corpos não normativos enfrentam na trajetória de formação universitária (Costa, 2004b, p. 7-8), os autores têm como objetivo desnudar certo “regime de autorização discursiva”, lançando mão do conceito de Ribeiro (2019, p. 39) de lugar de fala, em que se permite afirmar que a bissexualidade está subsumida como grupo minoritário, seja diante do poder cis-heteronormativo seja frente ao coletivo homonormativo.

Porém, vale registrar com ênfase, que não se tem o objetivo neste artigo definir ou diferenciar as expressões de gênero ou as da sexualidade entre suas múltiplas e legítimas expressões. Alinha-se ao que há décadas já pontuava Sedgwick (1993, p. 9) de que as expressões do corpo e do afeto humano se estendem em tantas dimensões que não podem ser reduzidas a quaisquer decifrações ou contornos, pois desejo, gênero e sexualidade produzem múltiplas significações nas interseccionalidades com outros marcadores sociais da diferença como raça, etnia, poscolonialidade, relações culturais, econômicas e sociais que se confrontam e conformam aos vetores de construção identitária, assim como aos discursos que fraturam essas mesmas identidades (Louro, 2015, p. 40-43).

Vale esclarecer, ainda, que o objetivo desta análise não é avaliar o processo de construção identitária ou da autopercepção das pessoas LGBTQIAPN+, sejam em quais expressões ou identidades do coletivo se agreguem ou a quais adiram, mas, sim, de compreender como as interseccionalidades com outros marcadores sociais da diferença resultam em discursos que invisibilizam a pessoa que se identifica como bissexual, criando “armários” e obstaculizando lhes um lugar de fala, relegando-as ao silenciamento e à exclusão.

O objetivo específico é, a partir da categoria epistemologia do armário de Sedgwick (2007) e disponibilizando um lugar de fala (Ribeiro, 2019), analisar a violência sofrida por uma expressão específica gênero-sexo divergente, a da pessoa que

se identifica como bissexual. Em suma, o testemunho de uma estudante demandou o olhar dos autores e atravessou os saberes constituídos, inquirindo-os. Das muitas marginalidades e corpos excluídos, é desse que se ocupa esta reflexão.

Para este objetivo, primeiramente discute-se o conceito de epistemologia do armário e, na sequência, o da bissexualidade, como o lugar de fala, entrelaçando-os, para permitir o pano de fundo para o testemunho de Paula e as discussões que se seguem sobre a família, a religião e o espaço socioeducativo da universidade.

Epistemologia do armário: uma chave de leitura possível e atual

No início da década de 1990, a teórica pioneira dos Estudos Queer-Cuir-Kuir, Eve Kosofsky Sedgwick, nomeou a expressão “epistemologia do armário” para identificar um posicionamento epistêmico próprio da cultura Ocidental contemporânea (Sedgwick, 1990, p. 1) como signo do aporte crítico à binariedade, crise endêmica que pervade a cultura hegemônica no Ocidente, como abordado por Costa (2024, p. 3) e que espelha a relação paradoxal e conflitiva entre os padrões de gênero e sexualidade homo e heteronormativos (Louro, 2016, p. 50-51). Passou também a identificar o dilema e a estratégia dos corpos gênero e sexo-divergentes da heteronorma ao passarem ao ato da socialização da sua intimidade, permitindo o privado tornar-se público (Freire, 2017, p. 4).

A teórica queer-cuir-kuir entende que há um regime de conhecimento ou uma chave de inteligibilidade imbricada na relação entre a ocultação *versus* revelação (segredo *versus* assunção) que é a condição da oposição público *versus* privado das orientações de gênero e sexo-divergentes da matriz hegemônica cis-heteronormativa e patriarcal vigentes que também se refletem na relação de fixidez e polarização entre hetero e homonormatividade (Sedgwick, 2007, p. 21-22). Assim, concebe-se a epistemologia do armário como um “dispositivo de regulação da vida”, não só de corpos divergentes da norma hetero, mas que rege tanto a hetero quanto a homonormatividade em relação aos “privilégios de visibilidade e hegemonia de valores” (idem, p. 19). Como postura epistêmica e espaço de articulação e produção de conhecimento, pode-se

questionar se o conceitual não já teria sido superado, dados os desenvolvimentos atuais dos teóricos queer-cuir-kuir como Paul B. Preciado, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Richard Miskolci ou Larissa Pelúcio. No entanto, considera-se que o conceito é viável em uma teoria queer-cuir-kuir decolonial brasileira, em que ainda é necessário que se revisite e amplie, pela pressão contínua da tradição cis-heteronormativa dos sistemas religiosos, familiares, políticos e educacionais, o conceito de Sedgwick, como o fazem no marco das Ciências da Religião, Teologia e Direito Marcela Althaus-Reid (2000), Ana Ester Pádua Freire (2017, 2019, 2020), André S. Musskopf (2020) e Evandro Charles P. Duarte (2021), entre outros.

A metáfora do armário, com o desvelamento da postura epistêmica que evoca, é tão presente que Bruno Bimbi (2017, p. 13) afirma que “não há uma primeira vez para entrar no armário; nascemos dentro. [...] Há um armário invisível construído ao nosso redor”. E como Duarte (2021, p. 432) argumenta, não há uma saída única do armário, mas a revelação da ruptura com a matriz cis-heteronormativa ou seu velamento se dá de acordo com as relações, as condições sociais, as pressões sobre a pessoa, a condução da vida privada e da vida pública. E, para as pessoas não normativas, o movimento pendular entre segredo e revelação é a experiência constante (Freire, 2017, p. 4). Como Sedgwick aponta:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. [...] (Sedgwick, 2007, p. 22).

A jornada da construção identitária, de resistência e sobrevivência das pessoas não normativas brasileiras se faz no jogo entre o público e o privado, na vivência do segredo aberto, o revelar-se e o se esconder. A possibilidade de seus corpos e sua intimidade em suas histórias de vida está entrelaçada com o exercício do biopoder da

cis-heteronormatividade vigente em vetores políticos, nos vínculos sociais, nas relações familiares, nos fortes valores religiosos e na formação do percurso educacional (Foucault, 2018, p. 65; Butler, 2017, p. 61; Preciado, 2022, p. 26). Na perspectiva da Teoria Queer-Cuir-Kuir, “as identidades são dinâmicas co-construídas discursivo-performativamente na linguagem e nas interações [...] sócio-histórico-culturalmente construídas” (Lewis, 2012, p. 16-17; Butler apud Salih 2019, p. 73).

Sedgwick (2007, p.40) aponta, ainda, que muito raramente pessoas queers crescem em famílias queers e a exposição de suas identidades e expressões de gênero e sexualidade é dada em circunstâncias que carreiam fortes questões emocionais, muitas vezes traumáticas, com exposição à lgbtfobia no ambiente privado (Duarte, 2021, p. 432). Além disso, o dispositivo de controle moral tradicional é feito pelas instituições educacionais (Louro, 2018, p. 13-14; 19-21), como o confirmam a pesquisa de González-Rey e Moncayo Quevedo (2019, p. 141) em uma universidade colombiana, o relato autobiográfico de Elder Luan dos Santos Silva em sua trajetória acadêmica na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (Silva, 2016, p. 294). Da mesma forma, operam as instituições religiosas. A pesquisa de Gomes e Souza (2021, p. 15) sobre o comportamento em relação aos corpos dissidentes comprova que as grandes tradições religiosas cristãs no Brasil alimentam um discurso preconceituoso legitimado pelas suas lideranças eclesiásticas, assim como o relato de Freire (2019, p. 32-33), na experiência de uma “comunidade de fé tradicionalmente colocada à margem do cristianismo hegemônico”.

Louro (2016, p. 30) entende que “sair do armário” é assumir-se, não apenas em sua expressão de afeto, gênero ou sexualidade, mas se assumir como ser ético, humano e singular. Neste vir ao ato, a pessoa dissidente não julga e não age de forma desrespeitosa consigo e com as outras, mas dá passagem à abertura de si e do outro, acolhendo as histórias e expressões de cada um e cada uma. No entanto, na perspectiva das grandes religiões da tradição judaico-cristã, leituras conservadoras e fundamentalistas da Bíblia são instrumentalizadas há séculos para legitimar a

cis-heteronormatividade e o controle dos corpos na “esfera privada, a arena tradicional da moralidade pessoal” (Weeks, 2000, p. 55).

Nas religiões cristãs no Brasil, há fobias arraigadas (Freire, 2017, p.3), atitudes retrógradas, produtoras de traumas psíquicos (Leal, 2023, p.207) que definem práticas desviantes como pecado e perversão. O comportamento de gênero e sexo não orientado pela moral e ética judaico-cristã hegemônica ou conflitante com esta é considerada não natural e relacionada com causas sobrenaturais demoníacas (Leal, 2023, p. 229). Conflitos, medo e culpa são alimentados por interpretações descontextualizadas de textos bíblicos (idem, p. 213). A rejeição da família e do grupo religioso, “com a supressão das vivências afetivas e sexuais não normativas dos espaços de fé e comunhão religiosa”, além de práticas espúrias como a “cura gay” e discursos como o da ideologia de gênero são ações de violência psíquica traumática (Althaus-Reid, 2000; Freire, 2017, 2019, 2020; Musskopf, 2020; Duarte, 2021).

No âmbito acadêmico, a universidade é legitimada como ambiente do saber socialmente privilegiado (Santos, 2011, p.17; Louro, 2018, p. 29), constitui e concentra um reduto da elite pensante que elege e consolida as referências socioculturais.

Na perspectiva de Almeida (2007, p. 17), a evidência do vínculo educativo em uma educação integral de trilha universitária considera aspectos intelectuais, afetivos e sociais. Propõe-se que essa intersecção se atualize com vieses das pedagogias queer-cuir-kuir que se propõe como “uma pedagogia antinormativa que impugna o desenho totalizante da normalidade e põe em cena os estranhos e raros em marcos de reconhecimento nas suas formas de subjetivação” (Val Flores, apud Sainz, 2020, p. 62).

A bissexualidade

Silva e Leite Júnior discutem que a bissexualidade não é objeto de pesquisa evidenciado na literatura queer-cuir-kuir científica como “expressão legitimada e genuína de atração e de desejo” (2020, p. 862). Entendem que à bissexualidade é atribuída certa expressão afetiva e sexual, sem estabelecer distinção nítida entre a cis-hetero e a homonormatividade, como se fosse uma subjetivação fronteiriça e

subversiva, que não oferecesse lealdades a quaisquer padrões, sejam aos normativos sejam aos dissidentes. A performatividade e a afetividade bissexual debatem-se com as representações sociais que tradicionalmente lhe foram atribuídas: são corpos dissidentes para a subjetividade social hegemônica e incoerentes ou indecisos para os militantes da dissidência (Silva; Leite Júnior, 2020, p. 863). Bissexuais se tornam suspeit@s: ou são instáveis, ou promíscu@s (p. 862). Quando associada ao erótico feminino, a pessoa que se identifica como bisexual alcança ainda maior índice como fonte de sofrimento, dados seu escamoteamento e marginalização, pois discursivamente sua expressão de gênero, sexo e desejo fica estritamente vinculada a práticas sexuais, perdendo sua condição identitária e performativa (Cavalcanti, 2010, p. 81).

Na lógica da epistemologia do armário, a pessoa que se admite bisexual é instável, ao estabelecer uma posição disruptiva e fluida entre as polaridades hetero e não-heteronormativa (Duarte, 2021, p.439). Para Cavalcanti (2010, p.79, 82), se a bisexualidade inicialmente parecia irrepresentável na lógica sexo, gênero e desejo justamente Butler (2009, p.101) ofereceu um olhar como um construto próprio e original, que não é apenas oscilação ou mistura, mas que performa afetividade e eroticidade próprias e singulares.

A interlocução com a categoria de lugar de fala de Ribeiro (2019) é interessante uma vez que a invisibilização envolve especialmente as mulheres que se assumem bissexuais. A epistemologia do armário permite entender como elas são levadas ao apagamento ou à hipersexualização (Lewis, 2012, p. 147-148). A primeira forma é o apagamento que se dá pela invisibilização, negação e supressão (Lewis, 2012, p. 149-157) que foi identificado por Costa (2023) na forma de práticas de censura religiosa, familiar e socioeducativa. Há um cerceamento da pessoa e das suas relações. A alegação é que a bisexualidade não é uma escolha, mas se trata de uma fase, uma ambivalência, uma passagem ou um não lugar, uma dissonância da subjetivação ou do comportamento da pessoa. Dessa forma, há deslegitimização ou descredenciamento da expressão da afetividade-eroticidade ou performance identitária bisexual (Lewis, 2012, p. 157) quando dela se solicita uma definição para que se enquadre em uma categoria fixa: heteronormativa ou não normativa definida.

A segunda forma é a da hipersexualização, que se dá pelo preconceito, com a expectativa de performance de atos estereotipados de conduta moral desqualificada como relacionamentos múltiplos (poliamor, infidelidade, promiscuidade), com a estigmatização e a hipererotização (Lewis, 2012, p. 157-166; Silva e Leite Júnior, 2020, p. 875). Segundo as pesquisas de Lewis (2012, p. 14), as performatividades identitárias, de gênero e sexo bissexuais são vistas como ameaças à identidade coletiva homossexual e à heteronormativa, em função de não se enquadarem nas posturas epistêmicas binárias normativas dessas polaridades e, por isso, são negadas.

Vale lembrar que a Teoria Queer-Cuir-Kuir denuncia as várias matrizes normatizadoras, seja a da cis-heteronormatividade, seja a da militância homonormativa, pelo “caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades” (Louro, 2018, p. 23), o que se alinha com a perspectiva de Sedgwick (2007, p. 28) da epistemologia do armário, de que há uma fricção e um conflito entre o público e o privado, e muitas interseccionalidades para além da matriz sexo, gênero, desejo como raça, religião, classe social (Duarte, 2021, p. 439) e que o lugar de fala é justamente “a ruptura no regime de autorizações vigente” (Ribeiro, 2019, p. 56).

Outro dado passível de reflexão e análise leva em conta as fronteiras estabelecidas na regulação dos corpos. Isto é, diante de instâncias e limites em que se produzem formas de ser e de viver a construção das identidades de gênero e sexuais, “na medida em que várias identidades – gays, lésbicas, queers, bissexuais, travestis – emergem publicamente, elas também acabam por evidenciar, de forma muito concreta, a instabilidade e a fluidez das identidades sexuais” (Louro, 2016, p. 31). Como se viu na epistemologia do armário, há como que uma pressão social para a fixação dos limites da binariedade da identidade como homo ou heterossexual, que parece provocar a negação da existência do real da bisexualidade. Porém, Cavalcanti (2007, p. 103), percebe que o aspecto ilusório da binariedade e dos limites rígidos para a performatividade do gênero e sexo não normativo são denunciados pela bisexualidade, entre outras formas de expressão não normativas. Em linha com as referências de Sedgwick e sua epistemologia do armário, Giddens (1993, p. 203) admite que a bisexualidade é difusa na lógica da binariedade e só pode ser compreendida por um viés mais amplo de

afetividade e expressão de corporeidade, como proposto pelas áreas do conhecimento que se permitem dialogar com as teorias queer/cuir/kuir.

Com estas bases e referenciais teóricos, passa-se ao relato de Paula, a estudante bissexual, um corpo estranho na sua casa, na sua igreja e na universidade.

Um corpo estranho na família, na igreja e na universidade

Paula quando faz o seu relato é já egressa de instituições públicas de ensino superior após sua graduação em Enfermagem e licenciatura em Ciências Biológicas. É do período acadêmico na Faculdade de Ciências Biológicas que o seu relato de experiência de formação é mais agonizante.

Quando ingressou na instituição de ensino superior pública, residia com seus pais, dos quais dependia econômica e financeiramente, na periferia de Jaboatão dos Guararapes /PE e estudava em Recife/PE. Seu núcleo familiar era pequeno e partilhava uma rígida e conservadora religiosidade da linha evangélica batista tradicional. Ela relata ter experimentado convivência familiar tranquila até o momento que um primo, seu confidente, gay, revelou à família, sem o seu consentimento, a bissexualidade vivida por ela.

A categoria da epistemologia do armário invoca, conforme Sedgwick (2007, p.51), os frágeis limites da política de solidariedade no interior da comunidade dos dissidentes da cis-heteronormatividade (Duarte, 2021, p. 427). E é justamente o que Paula enfrenta. A pessoa que desvela seu segredo e expõe sua vida privada para sua família é um outro corpo não normativo. Seu primo é a voz que faz a denúncia do segredo, que performa a invasão da intimidade, que força o armário a se abrir e desestabiliza a família de Paula ao desvelar a insuportável realidade de seu corpo não recomendado pela norma. É de se questionar a razão de seu primo não a ter acolhido e ter pressionado sua exposição, pois “um corpo que sai do marco normativo prognostica precariedades” segundo Trujillo (2022, p. 19), “com maior ou menor grau de violência e exclusão”. A hipótese que se nutre é que há armários em meio à comunidade do coletivo LGBTQIAPN+ e que a bissexualidade opera uma tensão por sua fluidez.

A exposição de Paula aos pais, no entanto, leva à instalação de violências que passa a experimentar no espaço que deveria ser o de maior proteção, o âmbito da família, uma vez que não encontrou cumplicidade com quem julgava seu “semelhante”. A reação dos pais é contundente, como Paula relata:

[...] eu não lhe criei pra isso! Alguém colocou isso na sua cabeça! Você não é isso! Aí começou todo aquele processo de negação, de dizer que alguém tinha me influenciado. Meu pai, principalmente pela religião, né! são evangélicos e tal. Então, meu pai, me abominava na época, deixou de falar comigo, e chegou até a partir para a agressão física mesmo. [...] Mainha era muito verbal. Ela falava muito. Todo dia era briga e tal. Não podia sair. Você vai pra onde? E com quem? Queria me manter prisioneira mesmo. E Painho, já partiu pra violência física. Não tinha muita conversa não, com ele.

Como se percebe no testemunho da informante, os dispositivos de repressão e controle da sexualidade feminina se revelam nos discursos normalizadores, nas censuras e nas violações aos direitos básicos da pessoa, como ao direito da integridade física e ao direito de ir e vir. A regulação da liberdade de expressão e o patrulhamento de sua vida social, assim como a negação são formas de a família deslegitimar a vontade e a autonomia da pessoa que se desvia da norma, que não tem vontade própria e pode, apenas e tão somente, ser alguém cooptado, manipulado, subalterno e manipulado, um “isso”. Os pais se transfiguram em agentes da repressão e se enfileiram junto “[...] aos médicos, aos pedagogos, aos psiquiatras, aos padres e também aos pastores, a todos especialistas possíveis, [n]o longo lamento de seu sofrimento sexual.” (Foucault, 1988, p. 105) conferindo um caráter de anormalidade aos corpos de sexualidades não normativas.

A rejeição do pai e da mãe estão pautados em uma lógica moral religiosa que não admite qualquer respeito à pluralidade do gênero e da sexualidade. A ética e a moral judaico-cristã de grupos religiosos hegemônicos conservadores considera desvios das práticas convencionadas para o corpo, inclusive as vivências afetivas e sexuais, como algo a ser remodelado ou descartado, de existência inviável. O rompimento pela filha com o padrão estabelecido de higiene e ordem é inconcebível: não há negociação,

escuta ou acolhimento. Apenas o caminho do patrulhamento e da recuperação do corpo desviante (Freire, 2017, p. 4).

Da narrativa, podem ser percebidas três categorias de violência, a lgbtfóbica, a verbal e a física. Para caracterizar a violência lgbtfóbica, recorre-se à lógica fundante do armário cis-heteronormativo compulsório, que nega a pluralidade de corpos que subvertem a ordem estabelecida, por isso expostos a agressões: os preferidos para as violências. Quanto à violência verbal, os discursos são carregados de ódio e moral, tanto retóricos como políticos (Butler, 2021, p. 34) e fomentam consequências emocionais traumáticas, que acarretarão sequelas psicológicas como traumas, autoisolamento, sentimento de culpa e medo. Já, a violência física se descreve e se apoia analiticamente nas figuras de quem ataca e de quem é atacado, associada a socos, golpes e atos de violência sexual (Butler, 2021, p. 20). Os valores androcêntricos e patriarcais hegemônicos da cultura judaico-cristã vigentes fundamentam o direito e o dever do pai de espancar a filha, sem considerar seu ato como violência e agressão inomináveis, e, sim, correção adequação que exerce sobre aquele corpo que gerou e educou.

A experiência de outras pessoas, no seu círculo de amizades da universidade, não autorizava Paula a atitudes mais ousadas:

[...] uma amiga, o nome dela é Gaby. E ela estava passando, ela tinha acabado de se assumir pra família. E a família não aceitou. Ela sofreu violência física, violência psicológica. Os pais ameaçaram tirar da faculdade [...] ela achava que não conseguiria sozinha. Sofreu... sofre até hoje! ela posta coisas em redes sociais, como se tivesse sofrendo, como se aquilo ainda não tivesse passado, aquela fase. Deu amenizada, mas ainda sofre com ataques homofóbicos da família. Evita participar de reuniões familiares.

Além das consequências diretas das violências lgbtfóbica, verbal e física, as implicações psicológicas da rejeição e cerceamento de Paula puderam ser percebidas no autoisolamento e nas concessões para evitação do conflito com a família que se estendem às atividades acadêmicas. No processo de formação em Ciências Biológicas, a realização de atividades extraclasse com metodologias psicopedagógicas ativas tem grande valor pela combinação de teoria e práticas na observação em campo. Regularmente eram realizadas excursões de visitas técnicas, proporcionando

engajamento e motivação da turma. O patrulhamento da família chegou a tal nível, que, para a estudante, dormir fora de casa passou a configurar um problema com seus pais. Ainda que as atividades de visita técnica integrassem a grade de formação, a estudante, pressionada psicologicamente, restringia sua participação ao mínimo possível. Essa estratégia é tipicamente uma articulação do “armário”:

[...] era uma confusão. (risos) Duas vezes. Uma eu fui pro Crato-CE. Passei cinco dias lá. Com uma excursão da faculdade. Foi uma confusão. Meus pais não acreditavam, achavam que eu estava mentindo. Foram me levar lá na faculdade, viram a professora realmente, viram o ônibus de viagem, e mesmo assim disseram: É! Verdade que vai ter a excursão, mais lá você não vai pra estudar, você vai para...avacalhar! Era assim...

[...] até tiveram outras oportunidades, mas aí eu poupei do sofrimento, me poupei. Mais essa do Crato foi...eu já estava no final do curso. Era uma coisa que eu queria muito, e eu resolvi enfrentar.

Várias situações semelhantes foram vividas sob estresse, transformando-se em crises de autoestima e de autonomia, de forma que a repressão familiar levou a estudante a optar pelo autoisolamento, afastando-se do ambiente religioso e das relações afetivas que não as do círculo familiar. Dessa forma, ela ficava muito em casa, solitária, com redução do espaço de circulação, fixando-se em atividades que pudessem ser consideradas produtivas e aprovadas pelos genitores. A perda das referências do ambiente religioso, com a instalação da suspeição das relações anteriormente estabelecidas, é digna de nota e com consequências extremamente danosas.

É! Muito solitária. Aí eu descontava nos estudos, né? Eu ia estudar pra passar o tempo, para ocupar o tempo. Os programas que tinham pra fazer com a família, eu não me sentia à vontade. Que era ir à igreja. E lá era o lugar que eu menos me sentia aceita. Que eu menos tinha vontade de ir. Mesmo crescendo no ambiente, aquilo não era um ambiente familiar, um ambiente que me sentia acolhida, pelo contrário. É... aqueles olhares e tal. Eu ficava muito em casa, minha vida em casa se resumia muito ao meu quarto, minha área de estudos, eu ficava lá estudando para passar o tempo. Não interagia muito não.

No relato de Paula, a violência do ambiente religioso pode ser entendida como rejeição, falta de aceitação e acolhimento, que ela decodificava nos “olhares e tal”. Freire (2017, p. 3) aponta a “violência dos olhares” como estigmatizador, mecanismo

que induz à insegurança e à exclusão. Os ambientes religiosos cristãos evangélicos conservadores constrangem e inibem os corpos dissidentes. Paula não registra violências verbais e físicas explícitas, mas comportamentos velados. São poucos os espaços e pessoas abertas a uma teologia queer/cuir-kuir no Brasil, mas existem, como as chamadas igrejas cristãs inclusivas (Leal, 2023, p.204), especialmente nos grandes centros urbanos.

Quando questionada se essa condição a impactava, faz referência à autoestima, posicionando-se:

Mexia um pouco. Um pouco. Assim, mais pelo preconceito. Era muito em relação à minha família. É... eles falavam: Ah... tu estás vestindo essa roupa porquê? Que roupa feia! Tu era mais bonita! Tu, assim, tu tinha uma energia mais pra frente! Tu era mais alegre! Isso mexia. Eu passei a ser uma pessoa mais cabisbaixa, mais triste. Me sentia inferior às outras pessoas. Entendeu? Assim, era muito relacionados a comparações. Ah! Você, antigamente não era assim. Hoje é! Era como se associasse a sexualidade com a forma que eu estava expressando os meus sentimentos na época.

Não foi apenas nos ambientes da família e da igreja que Paula enfrentou violências. Ao sair da solidão de seu quarto, em plena segunda década do século XXI, a estudante imaginava encontrar um espaço de liberdade e acolhimento na universidade para a expressão de sua performatividade identitária e afetiva. Porém, o ambiente universitário que enfrentou estava atravessado por posturas conservadoras e tradicionais, como encontrado por outros corpos dissidentes (Costa, 2024; Silva, 2016, p. 299). Encontrou muitas barreiras, inclusive algumas a respeito da sua identificação como pessoa que se admite bissexual que integraram o contexto.

Louro (2016, p. 25) aborda que as expressões de sexo-gênero-desejo não normativos, em linha com a categoria da episteme dos armários, são tratadas como algo privado, das quais se deve falar de forma reservada. Como a expressão de gênero e da sexualidade são performativos, ou seja, produzem o que nomeiam (Lewis, 2012, p.17), percebe-se que há muitos armários, tanto os silenciados como os verbalizados, como o aponta Duarte (2021, p. 441). Os dispositivos de controle dos corpos dissidentes constroem armários cada vez mais rizomáticos, em que os corpos recusados entram e

saem, como Paula que se identifica como pessoa bissexual, e se deparam com os estereótipos da bissexualidade como a associação à libertinagem, infidelidade e à identidade confusa tanto em ambientes heterossexuais quanto dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+ (Lewis, 2012, p. 81).

Para Paula, o se assumir como pessoa que se identificava como bisexual na universidade significou lidar diariamente com o armário, para não comprometer suas relações interpessoais:

[...] no caso da bissexualidade, sei lá, acham que é safadeza. É... relacionam muito com promiscuidade. Ah! Fica com todo mundo... com qualquer um. Eu acho que é indecisão. Acham que a pessoa está indecisa, não sabe o que quer. Porque não encontrou alguém que fizesse decidir... não entendem, né? Que... que realmente a gente é atraído pelos dois sexos e tá tudo bem.

Assim, a estudante foi subsumida aos estereótipos vinculados à bissexualidade, ainda que vivenciasse sua orientação sexual sem indecisão, sem supersexualização ou apagamento, sem que essas experiências constituíssem uma fase de experimentação. A lógica do armário se mantém: ou se é homossexual ou se é heterosexual. A pessoa queer, por seu turno, não carrega essa fixidez e essa delimitação e, em especial, estigmatizam-se as pessoas que se admitem bissexuais como promíscuas, o que desnuda e causa desconforto (Duarte, 2021, p. 439). E não somente com a estudante Paula. Outros corpos não normativos são considerados corpos abjetos e não desejados no ambiente da universidade e sofrem violências socioeducativas:

[...] em relação à violência relacionada ao campus... assim, eu não era tão assumida lá, na época. Então eu não sofri muito. Mas eu via pessoas que declaravam a sexualidade, e o pessoal realmente, assim. Tinha gente que...tinham pessoas que tinham preconceito, que agiam diferente, só pelo fato de a pessoa ser homossexual e tal. Mas também tinha um acolhimento.

Paula relata, no entanto, que há um acolhimento e há grupos de resistência nas universidades. O cenário de exclusão vem sendo alterado com o ingresso de professor@s que já ingressam no magistério superior em um lugar anteriormente impensável, como as que se nomeiam travestis: Luma Andrade (Unilab); Megg Rayara

(UFPR) e Letícia Nascimento (UFPI). outrora, o caminho adotado e o que foi vivido pela estudante era muito mais restrito para se assumir publicamente, carregado de preconceitos. Há muitos armários, estereótipos e impossibilidades a serem superados, mas há corpos dissidentes dispostos a viver o segredo aberto. Há que se lembrar que há ainda implicações no ato de sair ou não do armário. Vivenciar a heterossexualidade patriarcalista e machista na universidade é seguir a gramática sexológica da instituição (Silva, 2016, p. 300). A heteronorma e o patriarcado vigem em formas sutis, percebidos muito mais como um mal-estar não nomeado. O desconforto leva a um ajuste silencioso e obediente dos corpos de estudantes, professores e trabalhadores em seus devidos lugares e movimentos (*idem*, p. 302). Paula intuiu esse ambiente:

[...] Assim, até pela universidade ser um ambiente múltiplo, com pessoas de todo tipo e tal, uma variedade, né! Diversidade. Então assim [...] o pessoal também não era tão assumido.

Eram...na minha sala, acho que tinha dois. Eu e outro menino. Agora, a gente vê que tinham bem mais. Só que eles não se assumiam.

Hoje a gente percebe que eles assim... a gente tem mais coragem de falar, né!

O ambiente acadêmico universitário nada tem de livre e acolhedor com o diferente e com a diferença, reproduzor como é dos valores tradicionais cis-heteronormativos e patriarcais (Magalhães, 2010, p. 180). As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Ciências Biológicas no Brasil somente estabelecem conteúdos básicos que englobam conhecimentos biológicos e das áreas das ciências exatas, da terra e humanas, considerando a evolução como eixo integrador. Embora enfatizem a importância de uma formação ampla, não especificam a obrigatoriedade de disciplinas focadas em gênero e diversidade. A pesquisa de Guarany e Cardoso (2022) faz o levantamento das publicações científicas de 1998 a 2018 que discutem as questões de gênero e diversidade na formação docente confirmam que o discurso hegemônico é o do binarismo e da hetero-cisnormatividade. Não foi objeto de estudo d@s autores a especificidade do curso de graduação de Ciências Biológicas, sua grade curricular, a relação marcada por contradições e aproximações com as questões da binariedade e normatização de ordem biologicista e a formação de docentes. Mas há pesquisador@s

que se debruçaram sobre o tema, como se pode ver nas pesquisas recentes de Tavares, Ramos e Carvalho (2025), Machado et. al. (2025) e Ribeiro e Borba (2025), às quais se remete @s interessad@s.

Retomando a experiência de Paula, sobre sua exposição como pessoa que se assume bissexual no ambiente acadêmico universitário, há atitude de alerta todo o tempo sobre o que se pode ou não publicizar. Há insegurança psicossocial e medo das rotulações e exclusões. Paula avalia que os corpos dissidentes masculinos eram mais visibilizados e fragilizados, sofrendo violências explícitas no ambiente universitário:

Uma percepção minha. Eu notava que o público masculino, ele sofria mais. Pelo... sei lá, pelo modo mesmo, até de falar, de trejeitos, de se expressar. Quando estava lá apresentando um seminário, por exemplo, a gente via comentários, risadinhas, essas coisas que deixa a pessoa sem graça, deixa a pessoa incomodada.

De um lado, pode-se pensar no apagamento do feminino, próprio do patriarcado e a rejeição apresentada da feminização para os corpos masculinos na atualidade, expõe, enfaticamente, um conservadorismo que perpassa e imprime a noção de aprender a respeitar. De outro, a opção de alguns corpos não normativos pela visibilidade, por sair do armário, é de vivenciar esse enfrentamento de preconceitos e violências. Algumas pessoas optam pelo armário, vivenciando instabilidade emocional e conflitos internos sobre como lidar com o jogo privado versus público, revelar versus omitir, esconder versus assumir na prática social, no espaço de formação acadêmica e em ambientes como família, trabalho e igreja. Vivencia-se um jogo emocional constante para não ser notada e, simultaneamente, de ser percebida e aceita pelos outros, como foi a opção de Paula:

Sempre fui muito na minha, discreta. Tinha! Eu tinha um grupo de amigas. No caso era eu, e mais quatro amigas. Elas sabiam. O restante, sabiam assim, desconfiavam. Mais não tinham a certeza, não tinham ouvido de mim. Mais essas três amigas, eu e mais três, né? Nossa quartetozinho. (risos) Era bem... era bem aberta, assim, se falava sobre tudo.

Aqui a estudante assume para um grupo reduzido e seletivo sua posição específica em relação aos códigos sociais dominantes na questão da identidade sexual. Assumir-se pessoa bissexual não se trata unicamente de um ato de coragem, mas uma localização social, um ato político afirmado a sua existência, uma atitude ética.

Os corpos transgressores se reconhecem e encontram seus próprios espaços, vivenciando seus afetos. A estudante afirma ter experimentado um relacionamento com outra pessoa que se assumia bissexual na universidade:

[...] Tinha outras bissexuais na universidade! A pessoa que eu me relacionei lá na faculdade, ela era bi, eu era bi.

Vale registrar que Paula, ainda que tenha se licenciado em Ciências Biológicas, seguiu profissionalmente os rumos de sua primeira formação universitária como enfermeira, por meio de concurso público.

Pelo itinerário de Paula, percebe-se seu dilema constante e sua vivência da lógica do armário, com alerta permanente para a preservação de sua privacidade de corpo não normativo, sem encontrar um lugar de fala como pessoa que se admite bissexual. Se uma formação acadêmica adequada e responsável requer tranquilidade e ambiente com segurança psicológica, não foi exatamente o que a estudante encontrou em meio às pressões e violências familiares, religiosas e socioeducativas. Paula, porém, é hoje enfermeira e licenciada em Ciências Biológicas. Não seguiu a carreira docente. Seus conflitos com o armário continuam, por ser um corpo não normativo que se admite bissexual.

Considerações finais

O que está escondido no armário não é o afeto ou o corpo negado, mas, sim, o poder cis-heteronormativo e patriarcal (Duarte, 2021, p. 435) que estabelece como padrão o desejo heterossexual e o comportamento cis-normativo, que tem horror à fluidez das fronteiras e à não rigidez das identidades queer-cuir-kuir, que se assombra

com a exuberância da multiplicidade da vivência de corpos livres e éticos, cobrindo-se de binarismo e dualidades.

“O armário é arranjo de práticas e saberes [...] uma parte do armário é violência e a outra também” (Duarte, 2021, p. 441). A estudante Paula, pessoa que se assumiu bissexual, constrói sua performance social e de resistência no trânsito entre o dentro e o fora do armário, administrando a exposição de sua identidade e suas expressões de afeto e sexualidade. O armário é mais que um conceito para Paula, é uma formação de compromisso, uma estratégia de sobrevivência para se relacionar com sua família, para ser capaz de tecer alguma forma de religiosidade e espiritualidade, para lidar com as memórias de dor, rejeição, discriminação e para continuar se construindo na expressão de sua identidade como pessoa que se admite bissexual.

A bisexualidade é uma expressão de gênero e sexualidade que produz uma identidade que ainda encontra estigma e incompreensão, mesmo em meio à comunidade homonormativa. A bisexualidade entendida como o desejo da pessoa pelo feminino e pelo masculino, simultânea ou sucessivamente, é muitas vezes percebida como ambivalente, polêmica e controversa, pois esbarra nas exigências de delimitação da binariedade e explode a polaridade hetero/homossexual (Silva, Leite Júnior, 2020, p. 862). O corpo dissidente da pessoa que se admite bisexual sofre violências, pressões, exclusões, apagamentos, esvaziamentos, tornando-se alvo de preconceitos morais e desconsiderada como pessoa estável ou é deslegitimada em sua orientação sexual e identidade. O armário tem sido uma estratégia de enfrentamento para as pessoas que se admitem bissexuais, especialmente as mulheres, para superar o apagamento e a hipersexualização. Paula enfrentou essas formações repressoras de sua expressão de gênero e sexualidade. Reduziu o grupo que compartilhava do espaço privado, tornou-se arredia e discreta, articulações do armário.

Em sua história de vida e na construção de sua identidade, Paula ainda precisará lidar com sua religiosidade, afetada pela violência da revelação forçada pela família, desse sair do armário para a exposição pública daquele grupo religioso conservador que detinha os meios simbólicos e o saber institucionalizado que mediava a prática da espiritualidade de Paula. Para Freire (2017, p.1), será necessária a

ressignificação para “uma experiência pessoal e individual de espiritualidade, construída a partir de vivências anteriores em instituições religiosas e fora delas”. Os armários que a cultura marcada pela cis-heteronormatividade e pelo patriarcalismo hegemônico mantêm não são exclusivos da vida das pessoas queer, mas para muitos corpos dissidentes, como os de Paula, é “a característica fundamental da vida social [...] uma presença formadora” (Sedgwick, 2007, p. 22).

A violência da epistemologia do armário poderia e deveria ser desarticulada a partir de ambientes e metodologias inclusivas nas universidades, como as pedagogias queer-cuir-kuir, que propiciariam uma proposta educativa de atenção à diversidade sem dinâmicas estruturais de subordinação nem de opressão. Na prática é:

Uma pedagogia antinORMATIVA/cuir propõe desarmar as condições que fazem da discriminação a trama de constituição dos sujeitos “diferentes”, pondo em discussão como o próprio discurso institucional é habilitador da violência e problematizando sistematicamente os binarismos fundantes das instituições e práticas de normalização. (Val Flores, 2013, p. 239).

Esse modo de educar é optar por uma estratégia progressiva, sem normalização irritante e asfixiante para corpos abjetos. É um projeto de humanidade em que as questões de gênero, sexualidade e outros marcadores da diferença não predominem nem participe de construções violentas. É um idealismo viável que se desvia de uma ortodoxia e de uma homogeneidade para enquadrar as existências em um viés dominante, excludente. É a via da esperança onde afetos e cognição, se experimentam em igualdades condições nas metodologias e currículos, promovendo uma educação humana emancipatória, e contributiva na sociedade. Outro modo de educar é possível, habilitando e convergindo para uma aprendizagem significativa, respeitosa e humana, onde a bissexualidade possa ser exercida pelo estudante sem máscaras ou sofrimento.

Referências

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; Abigail Alvarenga (org.). **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent theology.** Theological perversions in sex, gender and politics. Londres, Nova York: Routledge, 2000.
- BIMBI, Bruno. **El fin del armario:** lesbianas, gays, bisexuales y trans en el siglo XXI. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Marea, 2017.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BUTLER, Judith. **A força da não violência:** um vínculo ético-político. São Paulo. Boitempo, 2021.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio:** uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- CAVALCANTI, Camila Dias. Práticas bissexuais: uma nova identidade ou uma nova diferença? **Polemica**, v. 9, n. 1, p. 79-83, 2012. DOI: <https://doi.org/10.12957/polemica.2010.2710>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/2710>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- CAVALCANTI, Camila Dias. **Visíveis e invisíveis:** identidade e práticas bissexuais. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2007.
- COSTA, José Amaro da. **Testimonios de la discriminación debido a la orientación sexual no convencional e identidad de género en las universidades de la ciudad de Recife/Brasil:** impactos y secuelas en la formación académica de los estudiantes implicados en estos procesos de violencia. Tese (Doutorado em Educação) – Universidad Nacional de Rosario. Rosário-Argentina, 2024a.
- COSTA, José Amaro da. A experiência da formação de um corpo não recomendado para a universidade: resistências às violências, exclusões e injustiças socioeducativas. **Revista de Educação Interritórios**, v. 10, n. 19, p. 2-21, 2024b. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.261528>. Acesso: 3 jul. 2024.
- DUARTE, Evandro Charles Piza. Epistemologias dos armários: novas performances públicas e táticas evasivas na sociedade da informação. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 8, n. 20, 2021, p. 425-459. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/52376>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FREIRE, Ana Ester Pádua. “Na desordem do armário embutido”: a afirmação da identidade como um sacramento. **Revista Nures**, v. XV, n. 36, 2017, p.1-6.

FREIRE, Ana Ester Pádua. **Armários queimados: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Perversão teológica: notas sobre a teologia indecente de Marcella Althaus-Reid. **Revista Periódicus**, v.1, n.14, p. 91-104, nov. 2020/ abr. 2021. Disponível em Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da USP, 1993.

GOMES, Ágatha Aila Amábili de Meneses; Souza, Luana Elayne Cunha de. Todo religioso é preconceituoso? Uma análise da influência da religiosidade no preconceito contra homossexuais. **Psico**, v. 52, n.4, p. 1-16, 2021.

GONZÁLEZ-REY, Fernando; MONCAYO QUEVEDO, Jorge Eduardo. Sexual diversity, school, and subjectivity. In: GONZÁLEZ-REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; GOULART, Daniel Magalhães. **Subjectivity within cultural-historical approach. Theory, methodology and research**. Perspectives in Cultural-Historical Research (PCHR, volume 5), 2019. p.133-147.

GUARANY, Ann Letícia Aragão; CARDOSO, Lívia de Resende. Formação de professores, gênero e sexualidade na produção acadêmica brasileira. **Acta Scientiarum. Education**, v. 44, e55263, 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEAL, Tacel Coutinho. Boy erased: identidades LGBTQIAPN+ em contextos cristãos conservadores. **Revista Mandrágora**, v. 29, n. 2, p. 201-229, 2023.

LEWIS, Elisabeth Sara. “**Não é uma fase**”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MACHADO, Hívina; OLIVEIRA, Caroline; COSTA, Mônica de Oliveira; FORSBERG, Maria Clara da Silva. O discurso biológico na base nacional comum curricular e seus atravessamentos na questão de gênero e sexualidade. **Diversidade e Educação**, v. 12, n. 2, p. 266-288, 2025.

MAGALHÃES, Selma Reis. Homossexualidade na escola: de onde parte a discriminação? In: MESSEDER, Suely Aldir; Marco Antônio Matos Martins (org.). **Enlaçando sexualidades**. Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2010.

MUSSKOPF, André S. Espiritualidade queer. **Periódicus**, v. 2, n. 14, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v2i14.36704>. Acesso em: 5 maio. 2025.

OLIVEIRA, João Manuel de. Trânsitos de Género: leituras queer/trans* da potência do rizoma género. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia (org.) **Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes**. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL), 2017. p. 115-138.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala:** Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Marcus Altivo Avelar; BORBA, Rodrigo Cerqueira do Nascimento. “Eu ensino, mas a sociedade não está preparada”: investigando a intersexualidade na educação em ciências e biologia. **Diversidade e Educação**, v. 12, n. 2, p. 539-561, 2025.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Tendencies**. Londres: Routledge, 1994.

SILVA, Elder Luan dos Santos. Escritas e leituras de mim: uma reflexão acerca da epistemologia do armário a partir da minha autobiografia. Revista **Ars Histórica**, n. 12, jan./jun. 2016, p. 291-305. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/45567>. Acesso: 11 abr. 2024.

SILVA, Isaura Caroline Abrantes; LEITE JÚNIOR, Francisco Francinete. A Bissexualidade Como Incógnita e Fragmentação Normativa Ligada a Dicotomia Hétero/Homo: Cartografando Produções em Ciências Humanas e Sociais. **Id on Line. Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.14, n. 51, p. 861-879, Jul./2020. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAVARES, Bruno; RAMOS, Mariana Brasil; CARVALHO, Fabiana Aparecida de. biologias feministas para uma escola sem mordaça: possibilidades pedagógicas para discutir sexo/gênero na educação em biologia. **Diversidade e Educação**, v. 12, n. 2, p. 124-148, 2025.

TRUJILLO, Gracia. **El feminismo queer es para todo el mundo**. Catarata, Madrid. 2022.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Epistemología del armario en la universidad reflejada en la educación de un estudiante que se admite bisexual

Resumen: Este artículo se trata de un estudio de caso de la experiencia de una estudiante que se identifica como bisexual en una universidad pública de Recife, y cómo su experiencia familiar, religiosa y socioeducativa fue atravesada por este marcador. En el análisis de la narrativa, en forma de testimonio, se utiliza la categoría de “epistemología del armario” para discutir cómo la persona que se identifica como bisexual comparte con otros cuerpos desviados, negados o abyectos la exigencia de narrar y ser narrado históricamente y así ser visibilizado y desnaturalizado. Se concluye que los múltiples armarios están hechos de violencia y generan violencia para los cuerpos no normativos al mismo tiempo que son herramientas y dispositivos para hacer frente a la actual violencia cis-heteronormativa y patriarcal. Alternativas como las pedagogías queer, capaces de dialogar con una sociedad múltiple y diversa, así como alternativas como las religiosidades inclusivas y las teologías queer son formas viables de acoger a los cuerpos disidentes.

Palabras clave: Bisexualidad. Epistemología del armario. Educación universitaria. Teorías queer.

Recebido: 28/09/2024

Aceito: 05/05/2025